

Qual o melhor "cavallo" para a laranjeira ?

Dr. ED. NAVARRO de ANDRADE

Nenhum problema em citricultura, diz Hume, o mestre dos mestres, merece mais cuidadoso estudo sob todos os aspectos, que o que diz respeito á escolha do cavallo, sua adaptabilidade ao enxerto e ao solo, resistencia a molestias e sua influencia na producção. Em São Paulo, o grande numero de cavallos usados para a enxertia da laranjeira indica claramente que esta cultura ainda não sahiu da phase experimental e certa carencia de technicos de valor. Aliás, isto mesmo se observa em todos os paizes quando se trata da implantação de novas culturas e, em menor escala, se deu aqui em relação ao cafeeiro, de que uns faziam a apologia do nacional ou commum, outros se batiam pelo Sumatra, ao passo que muitos quebravam lanças pelo Bourbon, sem falar nos partidarios do Maragogipe, do Bourbon amarello e de variedades exóticas.

Nos Estados Unidos empregam-se como cavallo a laranjeira azeda, a doce, o limoeiro da Florida, o de tres folhas e a toranja; na Hespanha, quasi exclusivamente, a laranjeira azeda e o limoeiro rosa; na Argelia, em larga escala, a laranja azeda, e, em quantidades diminutas, o limoeiro de tres folhas; na Africa do Sul, a laranja azeda e o limão do Cabo, tambem chamado Mazoe, muito commum na Rhodesia; na Syria, além da laranjeira azeda, emprega-se em grande escala a limeira. No Brasil, principalmente nos Estados de São Paulo e do Rio e no Districto Federal, utilisam para este fim a laranjeira azeda, a caipira, o limão rosa, cravo ou francez, lima da Persia, a toranja e o limoeiro trifoliado. Infelizmente, este grande numero de cavallos traz terrivel desorientação ao novato, sobretudo se elle fôr bom observador, por que, então, notará que a preferencia de certos fruticultores por este ou aquelle porta-enxerto raramente se baseia em estudos e observações que mereça fé. Geralmente fal-os falar uma simples sympathia e ao facto, muito discutivel, de conhecerem um laranja, magnifico sobre um determinado cavallo. Por este andar, a conclusão a tirar seria a de que todos os já apontados são excellentes, pois é relativamente facil arranjar sempre um exemplo para cada caso, exemplos que, muitas vezes, não passam de excepções que servem apenas para confirmar a regra. Além disto, não ha ainda em nosso paiz laranjaes cuja extensão e idade possam orientar com segurança um fruticultor incipiente.

A conclusão a tirar de quanto fica exposto, e esta com todo o rigor mathematico, é de que nos falta em absoluto uma estação experimental de citricultura, onde haja talhões ou parcellas com toda a sorte de ensaios de enxertia, e onde tudo possa ser registado cuidadosamente e scientificamente por technicos. Enquanto isto não se dá, o que ha a fazer é proceder com toda a cautela, lembrando-se sempre o fructicultor de que o "Seguro morreu de velho e Dona Prudencia foi-lhe ao enterro".

Sigamos o exemplo e as lições de povos mais cultos e, sobretudo, mais experimentados. Quem se der a este trabalho, relativamente pouco penoso, pois que a literatura sobre o assumpto é vastissima, verá que mais de 80% dos laranjaes do mundo são enxertados sobre a laranjeira azeda, reconhecida por todos os mestres como cavallo de primeira ordem, resistente á gommose e outras molestias, de facil adaptação a todos os solos que se prestam para laranjaes, rustico e supportando galhardamente transplantações. Já vimos aqui accusada a laranja azeda de pouco resistente á gommose, em completo desaccôrdo com as maiores summidade na materia. Resta saber se o accusador conhece, de facto a gommose, felizmente pouco commum em nosso Estado, e de que ha tres formas, de origens differentes, magistralmente descriptas por Savastano. O que temos visto, geralmente, assignalado como o celebre "mal di gomma" não passa de lesão provocada por traumatismo. Um dos fructicultores mais eminentes que temos conhecido, 'o dr. L. Trabut, chefe do serviço agronomico da Argelia, diz em um dos seus notaveis trabalhos: "Em resumo, de todas as tentativas feitas desde que a gommose obrigou a empregar cavallos resistentes, resulta que todas as vezes que se puder empregar a laranjeira azeda deve-se fazel-o".

Nenhum autor de reconhecida competencia condemna a laranja azeda como cavallo, senão em casos muito especiaes, como, por exemplo na Florida e na Colonia do Cabo, onde parece ter-se verificado que a nossa laranja deumbigo sobre este porta-enxerto tem menos vigor. E' preciso, porém, nunca esquecer que muitos defeitos attribuido aos cavallos são naturaes consequencias, muitas vezes, do systema cultural, natureza dos solos, influencias de climas etc. O defeito capital da laranjeira azeda, até ha pouco, transformou-se ultimamente em real vantagem. Accusavam-a de dar origem a arvores pequenas, baixas, o que hoje em dia só beneficios traz ao fructicultor. Além de facilitar a colheita, a arvore pequena permite que com muito menor dispendio se façam os tratamentos pulverisadores, tão em voga e tão necessarios. Desde o nosso tempo de estudante que vimos acompanhando o esforço enorme e o trabalho insano dos italiancs, francezes, hespanhões e

portuguezes em transformar as suas gigantescas oliveiras em arvores quasi anões. Até 1900, a apanha de azeitona era trabalhosa, devido á altura das arvores a que só homens podiam subir, o que obrigava a empregar braços mais caros, e, assim mesmo era preciso varejar as oliveiras, derrubando azeitonas e flores da safra seguinte. Hoje, a colheita é facilima e pôde ser feita por mulheres e crianças de salarios sempre mais reduzidos. Imagine-se o que seria preciso para colher laranjas em arvores enormes, sabendo-se que qualquer pancada no fructo o inutilisa sempre!

Com a amenidade de nosso clima e a natureza de nossos terrenos, nada nos leva a aconselhar, de modo geral, outro cavallo que não seja a laranja azeda. Deixemos os outros para as cogitações dos technicos e das estações experimentaes. Em terrenos profundos e permeaveis, a cultura da laranjeira dará, enxertada sobre a azeda, sempre bons resultados. Em solos improprios para este cavallo, mais acertadamente andará o fructicultor desistindo de cultivar laranjeiras. Todas as qualidades que se attribuem aos cutros porta-enxertos são igualmente encontradas na laranja azeda, desde que sejam procuradas com calma e sem preconceitos.

A laranja caipira não deixa de ser excellente cavallo, mas, como doce que é, só poderá ser empregada onde esta ultima possa ser utilizada sem nenhum receio. O cavallo ideal para a laranjeira é a doce, mas teve de ser abandonado pela sua fraca resistencia e outras causas demasiado conhecidas. A rusticidade que se attribue á lima da Persia, encontrada vigorosa e sadia em velhas tapéras do nosso interior e do litoral, não é menor na laranjeira azeda, abandonada em identidas condições. Quem percorrer Mato Grosso ha de ter visto magnificos exemplares, carregados de annos e de maus tratos, de laranjas azedas robustas e de notavel resistencia.

Hoje está muito em moda o chamado limoeiro de tres folhas, ou erradamente "*Citrus trifoliata*", pois que não mais pertence ao genero "*Citrus*", de onde o recambiaram para o seu devido logar no dos "*Poncirus*". O seu verdadeiro nome é "*Poncirus trifoliata*" Raf. Cultivado desde seculos, como cavallo, por chins e japonezes, mas, principalmente, para tangerinas. Alem disto, é mais arbustivo que arboreo e, não sendo do mesmo genero, deve ser empregado com as devidas cautelas. Nem sempre elle acompanha o desenvolvimento do enxerto e não será preciso aqui insitir sobre os inconvenientes da differença de diametros entre este e o cavallo.

O limão rosa, cravo, francez e impropriamente tambem chamado gallego no Rio, é, realmente, muito vigoroso e pouco exigente em relação ao solo, mas o facto de prosperar bem naquelle Estado e no Districto Federal não serve de sufficiente garantia para nós. O tempo, que não respeita senão as obras feitas com o seu concurso, ainda não se pronunciou.

Quem adoptar como cavallo para seus pomares a laranjeira azeda, pôde ter certeza de exito; quem se arriscar a lançar mão de outras especies, transformará seu laranjal em vastissimo ponto de interrogação. Não é negocio deixar o certo pelo duvidoso.

Rio Claro, Agosto de 1928.

("O Estado de São Paulo"—8—9—1928):